

A CRÍTICA SOCIAL MACHADIANA INSCRITA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E MEMORIAL DE AIRES

Simone Maria dos Santos Cunha¹
Juracy Assmann Saraiva²
Cléber Cristiano Prodanov³

RESUMO

O texto literário, como manifestação artística, remete ao contexto estético, histórico e cultural em que foi produzido. Nesse sentido, as referências espaciais contribuem para a instalação da verossimilhança textual e traduzem significações simbólicas, expressando ritos e valores sociais. Este artigo busca explicitar a importância da representação da espacialidade em dois romances machadianos como fator de inter-relação entre as narrativas e o espaço a que elas se reportam, recurso que possibilita depreender a crítica social à sociedade carioca do final do século XIX. Dessa forma, menciona a significação que a transposição de menções à espacialidade do Rio de Janeiro e a objetos introduz nessas narrativas, bem como valores socioculturais e a avaliação da sociedade que eles conotam. Como referencial teórico são utilizados autores que discutem questões referentes à Teoria da Literatura, à Narratologia, à problemática da cultura, à relação entre literatura e sociedade e à história do Rio de Janeiro. A análise, cujo método é interpretativo, mostra que Machado de Assis não é um mero descritor de cenários, mas um acurado crítico que, ao inscrever o Rio de Janeiro do século XIX nos romances que são *corpus* dessa análise, se posiciona diante de seu contexto e o avalia.

Palavras-chave: Literatura. Narrativa. Machado de Assis. Cultura.

ABSTRACT

The literary text, as an artistic manifestation, remits to the aesthetic, historical and cultural context in which it was produced. In this point of view, the spatial references contribute to install verisimilitude and translate symbolic signification, expressing rites and social values. This article approaches to make explicit the importance of the spatial representation in *Memórias Póstumas de Brás Cubas* and *Memorial de Aires* as an interrelation fator between the naratives and the space to wich they report, resource that anables to infer cultural aspects of the carioca society in the end of the XIX century. Thus, it investigates the meaning that the transposition of mentioning Rio de Janeiro's spatiality and objects introduces in these narratives, as well

¹ Mestre em Processos e manifestações culturais pela Feevale, graduada em Letras pela UNISINOS, voluntária no Grupo de pesquisa *Linguagens e manifestações culturais* da Feevale. *E-mail:* smcunha@gmail.com

² Pós-Doutora em Linguística, Letras e Artes pela UNICAMP. Coordenadora do Mestrado e líder do Grupo de pesquisa *Linguagens e manifestações culturais* da Feevale, bolsista de produtividade em pesquisa CNPq. *E-mail:* juracy@feevale.br

³ Doutor em História Social pela USP, professor e pesquisador do grupo *Cultura e memória da comunidade* da Universidade Feevale, Secretário de Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico do Rio Grande do Sul. *E-mail:* prodanov@feevale.br

as, the sociocultural values that they connote. Authors who discuss questions related to Literature Theory, Narratology, culture problematic, relation between literature and society and those who concern about Rio de Janeiro's history are referred. The articles' method is interpretative and points out that Machado de Assis is not a mere scenery describer, but an accurate critic that, when inscribing Rio de Janeiro of the XIX century in the novels that are *corpus* of this analysis, places himself in front of its context and evaluates it.

Keywords: Literature. Narrative. Machado de Assis. Culture.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se constitui em um recorte da dissertação de mestrado denominada *O Rio de Janeiro inscrito em memórias ficcionais: Memórias Póstumas de Brás Cubas e Memorial de Aires*, cujo tema é a crítica social instaurada por Machado de Assis em seus romances por meio do trabalho minucioso com a linguagem. A análise da forma com que ele utiliza as referências espaciais e as menções a objetos como índices e informantes que possibilitam ao leitor o preenchimento de lacunas no texto, bem como a contextualização da época em evidência em cada um dos romances, justifica o artigo, porque revela a importância da análise literária nos estudos histórico-culturais.

O texto literário, como manifestação artística, remete ao contexto estético, histórico e cultural em que foi produzido. Nesse sentido, as referências espaciais contribuem para a instalação da verossimilhança textual e traduzem significações simbólicas, expressando ritos e valores sociais. O objetivo deste artigo é explicitar a importância da representação da espacialidade em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *Memorial de Aires* como fator de inter-relação entre as narrativas e o espaço a que elas se reportam, recurso que possibilita depreender aspectos culturais da sociedade carioca do final do século XIX. Dessa forma, ele investiga a significação que a transposição de menções à espacialidade do Rio de Janeiro e a objetos introduz nessas narrativas, bem como os valores socioculturais que eles conotam.

A pesquisa, cujo método é interpretativo, partiu da hipótese de que, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *Memorial de Aires*, as referências espaciais introduzem significações simbólicas e de que essas revelam transformações do contexto sociocultural, quando se considera o momento de produção que distancia uma obra da outra.

O confronto entre textos do autor produzidos em épocas distintas demonstrou que Machado de Assis não é um mero descritor de cenários, mas um acurado crítico que, ao inscrever o Rio de Janeiro do século XIX nos romances que são *corpus* dessa análise, se posiciona diante de seu contexto e o avalia. A crítica social machadiana que se sobressai na análise do tratamento dado à espacialidade elucida o problema de pesquisa e demonstra que as referências espaciais utilizadas por Machado introduzem significações simbólicas, as quais, por sua vez, revelam elementos do contexto sociocultural.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A razão da escolha de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Memorial de Aires* (1908) como *corpus* de análise é o intervalo de vinte e sete anos entre a produção de uma e outra narrativa, que possibilita a observação das mudanças no retrato da sociedade carioca, por meio da comparação das referências espaciais citadas em cada uma delas.

Como referencial teórico, são utilizados autores que discutem questões referentes à Teoria da Literatura, à Narratologia, à problemática da cultura, à relação entre literatura e sociedade e que tratam da história do Rio de Janeiro. A bibliografia utilizada para chegar à compreensão e à interpretação dos resultados abrange os teóricos Roland Bourneuf e Real Ouellet, Osman Lins, Antônio Dimas, José Luiz Fiorin e Jean-Pierre Vernant, na investigação dos processos composicionais da narrativa; Gastón Bachelard, no estudo das significações de objetos e lugares na textualidade; Raimundo Faoro, John Gledson, Alfredo Bosi, Juracy Assmann Saraiva, Hélio Guimarães, Luiz Roncari, Marta de Senna, Eunice Piazza Gai e Biaggio D' Angelo, no aprofundamento de questões relativas à obra de Machado de Assis; Roque de Barros Laraia, Stuart

Hall, Alfredo Bosi e Leyla Perrone-Moisés, no que se refere aos aspectos culturais e artísticos; Antônio Cândido e Alfredo Bosi, no estabelecimento de relações entre literatura e sociedade; Gilberto Freyre e Frédéric Mauro, na análise do Brasil no tempo do Império, dentre outros.

Os estudos de Bachelard, de Bourneuf e Ouellet, de Lins, de Dimas, de Fiorin e de Vernant trazem contribuições para a análise espacial de um texto. Bachelard cria a topoanálise e examina o valor dos espaços a partir da casa e dos objetos que a compõem, pois ela se constitui no canto de enraizamento do mundo de cada indivíduo, no centro do espaço íntimo de cada um. Bourneuf e Ouellet afirmam que o espaço se exprime de tal forma em sua multiplicidade de sentidos que, por vezes, se constitui na razão de ser da obra, pois ele confere à narrativa, simultaneamente, unidade e movimento. Eles explicam também que o espaço está vinculado ao tempo e que a personagem faz parte de uma rede de relações da qual os lugares e os objetos não podem ser excluídos.

Osman Lins aprofunda o estudo da espacialidade ao delimitar a distância entre espaço e ambientação e sistematizar os tipos de ambientação a partir das relações entre o espaço e o fluxo da narrativa. Antônio Dimas aborda diversas linhas de estudos do espaço nas quais se incluem o verismo fotográfico e a obsessão geográfica. Fiorin considera a relação entre o espaço da enunciação e o do enunciado e suas projeções semânticas e aponta a necessidade de pesquisas sobre o espaço e sua sintaxe.

Em uma perspectiva na qual a literatura, como manifestação cultural, representa simbolicamente, pelo olhar da espacialidade, as mazelas, os valores e a evolução de uma sociedade, os autores elencados constituíram a base da análise dos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Memorial de Aires*, de Machado de Assis.

3 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica e seu método crítico-interpretativo perseguiram a concretização dos objetivos propostos e elucidaram o problema de pesquisa. A metodologia aplicada foi a proposta de Juracy Assmann Saraiva, baseada na Estética da Recepção, que, sob o ângulo de Wolfgang Iser (1996, p. 10), centraliza a análise “na interação entre o texto e o mundo extra-textual”, abstendo-

se da visão do “texto literário como alegoria da sociedade” (ISER, 1996, p. 10).

Saraiva (2006, p. 36) propõe a “participação ativa do leitor, que deve transitar dos princípios constitutivos próprios do texto para o contexto extraliterário; do mundo da significação textual para o sentido do mundo; da leitura crítica para a avaliação estética do texto”. Portanto, ao investigar a significação que a transposição da espacialidade do Rio de Janeiro introduz nos romances citados, explicita-se a importância da representação da espacialidade como fator de inter-relação entre a obra literária e o espaço social a que ele se reporta, recurso que possibilita depreender aspectos culturais dessa mesma sociedade.

4 ANÁLISE

Em *Memórias Póstumas* e em *Memorial de Aires*, os narradores-protagonistas fazem do papel e da pena uma extensão da sua subjetividade, inscrevendo também em suas memórias o modo de ser e de agir da sociedade. Entretanto, no âmbito do espaço, enquanto, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, predominam as menções a lugares públicos do Rio de Janeiro, em *Memorial de Aires*, os espaços íntimos são privilegiados.

A distância ou a proximidade que o narrador tem dos fatos relatados influi no tratamento dado à espacialidade, pois enquanto a morte liberta Brás para que ele possa reavaliar a trajetória de sua vida, a aposentadoria confina Aires ao seu bairro e à recomposição de seu trânsito pela cidade. Brás está livre para visitar todos os lugares que marcaram sua vida e escrever sem pejo tudo o que quer; Aires está preso a um duplo dilema: não pode revelar tudo o que viveu e o que pensa, porque a crítica social ainda o preocupa, e não pode viver a vida em sua plenitude, porque a velhice o impede. Assim, ambos percorrem trajetórias circulares nas quais o ponto de partida e de chegada é o mesmo: o cemitério, ou, o ponto de encontro da vida com a morte, no qual é possível decifrar a alma humana. O defunto-autor Brás, ao desvendar máscaras, confere seus defeitos e erros à sociedade da qual fez parte e à própria natureza humana, como observa Saraiva:

Brás Cubas, quando evoca a totalidade de sua vida em busca da auto-revelação, expõe uma conduta individual, dimensionando-a,

porém, pelas circunstâncias sociais. [...] A interiorização não o induz a atenuar seus defeitos, mas a explicá-los como decorrentes das forças determinísticas vigentes na malha social e, sobretudo, na natureza do homem (SARAIVA, 2009, p. 50).

Portanto, segundo a autora, ao retomar sua vida, ele cumpre a “finalidade das Memórias – conhecer para julgar” e, “como o conhecimento recapitulativo lhe mostra sua face multiplicada entre os homens, seu julgamento também os contamina” (SARAIVA, 2009, p. 51).

O olhar de Brás perpassa as festas de luxo, os teatros, os bailes na corte, as festas populares, as viagens à Tijuca e à Europa, as compras na Rua do Ouvidor e na dos Ourives, os passeios pela cidade em seges ou carruagens, a Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro. Entretanto, ele também expõe, em contraponto, em meio ao luxo e à riqueza, o drama da escravidão, a exploração do homem pelo homem, a ganância e o desejo de nomeada.

O narrador de *Memorial de Aires* também escreve seu relato como um observador da sociedade do Rio de Janeiro do século XIX, embora a época seja outra e a ambientação já não configure uma atmosfera de morte, mas apenas mostre a imobilidade e a impotência do ser humano quanto à velhice e à proximidade do findar da vida.

A ambientação romanesca de *Memorial de Aires*, que se vincula ao círculo de amigos de Aires, que converge para pessoas idosas, com exceção de Tristão e de Fidélia, fica restrita. Assim, ela se revela pelas visitas e pelos serões em casas de famílias e ao cemitério; pelas idas ao Banco do Sul para conversar com Aguiar; pelos passeios por ruas dos bairros nobres da zona sul, Flamengo e Botafogo; por algumas idas ao Bairro Andaraí, na zona norte, e pelas viagens de Petrópolis. Nesse perambular de Aires, assim como em *Memórias Póstumas*, a Rua do Ouvidor continua sendo referência para compras, mas as seges e as carruagens são substituídas pelos bondes, e as antigas caleças puxadas por mulas, pelo trem.

Como eventos históricos, a abolição da escravatura e a festa popular pela aprovação da lei pela Princesa Isabel fazem-se presentes no relato de Aires, mas o fato político é a renovação da Câmara de Portugal. Duas interpretações podem ser abstraídas desse olhar sobre o entorno: a questão

servil é representada sob um ângulo mais político e econômico do que humano, haja vista o sentido da atitude do Barão de Santa Pia, que contrasta com o da atitude de Prudêncio, um escravo açoitando outro escravo; paralelamente, a preocupação com a estrutura política tampouco se reflete na vida privada de Aires e de seus amigos, uma vez que os protagonistas do *Memorial* se voltam para as questões que afetam Tristão, cuja candidatura a deputado é mencionada, demonstrando o desconhecimento e/ou a falta de interesse quanto ao esgotamento do regime monárquico. Portanto, a narrativa expõe o pouco caso da sociedade brasileira para com os escravos libertos, que são lançados à própria sorte, e a apatia diante da falência do sistema político brasileiro.

A análise comparativa desses dois romances memorialísticos permite a compreensão do modo de vida e da cultura das sociedades do primeiro e do segundo Império, com a apreciação das mudanças ocorridas em um intervalo de vinte e sete anos de escrita por meio das referências espaciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura compreende um conjunto de manifestações, de tradições, de costumes de um povo, revela sua identidade e o integra a um espaço como nação. Em meio às manifestações culturais, a arte da palavra cumpre seu papel de representação ao revelar o olhar do artista sobre a sociedade que o rodeia e expressar sua criatividade e subjetividade. A literatura conjuga o olhar do escritor com o do receptor da obra, para que este possa compreender os sentidos implícitos no texto e aderir à ficção. Aquele, por sua vez, realiza um trabalho de artífice da palavra ao valer-se da funcionalidade dos elementos composicionais da narrativa para tratar temas universais que permitam ao indivíduo enxergar sua realidade por meio da representação ficcional.

Machado de Assis é um escritor que revela aspectos da sociedade, particularmente por meio do tratamento que confere à espacialidade, oportunizando aos leitores que compreendam o contexto sociocultural da diegese por meio da ficção. Ele articula as referências espaciais, colocando-as tanto a serviço da significação quanto da revelação do modo de ser e de agir da uma sociedade inscrita em suas narrativas.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a cidade machadiana desnuda costumes e hábitos do Primeiro e do Segundo Império e mostra a valorização dos bens materiais e da posição social em detrimento do ser humano. Nesse romance, os objetos mencionados, como a velha prataria, herdada do avô, Luís Cubas, as grandes jarras da Índia, as toalhas de Flandres, os castiçais e as arandelas, utilizados no jantar dado pela família Cubas em comemoração à destituição de Napoleão, em 1814, são índices de riqueza e de suposta tradição familiar e do desejo da família de aparecer aos olhos da sociedade e do imperador. Paralelamente, no processo de construção da narrativa, o autor aguça sua crítica social ao introduzir a oposição entre os espaços nos quais Brás Cubas nasceu, viveu e morreu, pois, após a morte, o posicionamento do defunto-autor se inverte. A morte o liberta da preocupação com as aparências sociais e do desejo de nomeada, e a bela chácara do Catumbi passa a se constituir em um valor negativo, atrelado apenas às aparências e ao poder econômico.

Por outro lado, o cemitério, a que a morte remete, passa a se configurar num espaço positivo, de libertação, conforme já foi constatado por Juracy Assmann Saraiva em seu estudo sobre o estatuto do narrador em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ao passar da vida para a morte e dispor da possibilidade de avaliar os seus atos ao escrever suas memórias do além-túmulo, Brás atinge um discernimento tal que não observa apenas a si próprio, mas a toda a sociedade que o rodeia. Suas lembranças se conjugam a partir dos espaços vividos e dos objetos que caracterizam as personagens e as revelam em seu íntimo. A partir da revelação do modo de ser e de agir de cada personagem e da análise das referências espaciais que contribuem para a significação da narrativa, Machado de Assis desnuda a sociedade imperial do Rio de Janeiro do século XIX.

Em *Memorial de Aires*, ele também revela a sociedade carioca, entretanto, sob outro momento histórico: a proximidade da queda do II Império e a abolição da escravatura. Machado revela as atitudes da sociedade por meio do diário escrito pelo conselheiro Aires. Neste, o dia a dia do círculo de amigos de Aires retrata a vida da elite carioca dos anos de 1888 e 1889 e instaura uma crítica social

em relação ao problema da escravidão e ao fato de as pessoas se preocuparem mais com os problemas privados do que com os públicos. O conselheiro não relata os acontecimentos utilizando o recurso da sátira, como faz Brás, mas inscreve em seu relato a melancolia de quem está desencantado com a vida, ainda que finja vivê-la com intensidade. Para que o leitor depreenda a crítica social instaurada no relato de Aires, Machado de Assis se vale de referências espaciais que conferem verossimilhança ao relato e constroem significações que transcendem o espaço textual para se reportar à realidade.

Conforme Marta de Senna (2008, p. 74), “Machado de Assis fascinou contemporâneos e os que até hoje lêem sua obra pelo modo como se apropriou do Rio de Janeiro em suas narrativas”. As imagens da espacialidade exprimem “condições ético-existenciais; situações socioculturais; estados emocionais diversos em momentos diferenciados da vida das personagens” (SENNA, 2008, p.74) e desnudam costumes da época do Império no Rio de Janeiro. A cidade machadiana também mostra a valorização dos bens materiais e da posição social em detrimento do ser humano.

Consequentemente, a análise aqui efetuada comprova que Machado de Assis não é um romancista sem paisagem, sendo possível contestar comentários de críticos, como Augusto Meyer, que afirmam que ele “Não pintou [...] o Rio do seu tempo, nem a gente, nem o ambiente do seu tempo, senão para poder mais livremente cultivar a sua paixão da análise psicológica, desabafo indireto e velado, às vezes inconsciente, do seu pessimismo” (*apud* Luciano Trigo, p. 79).

Contestando a afirmação de Augusto Meyer, mas complementado-a, pode-se afirmar que isso ocorre porque o trabalho de Machado com a espacialidade não consiste apenas em revelar paisagens, mas, sim, em revelar a vida da sociedade da época inscrita na ficção por meio da composição minuciosa dos elementos espaciais, aliada ao discurso aliciante do narrador. Portanto, a cidade que se re-vela nos romances de Machado de Assis expõe a cultura de uma época, mas é capaz de transcendê-la pelos traços de humanidade que a ilustram e que a todos atingem pelo harmonioso encontro entre fantasia e realidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1970.

_____. **Memorial de Aires**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1970.

SARAIVA, Juracy Ignez Assmann. **O Circuito das Memórias: Narrativas Autobiográficas Romanescas de Machado de Assis**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SENNA, Marta de. **O olhar oblíquo do bruxo: ensaios machadianos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

TRIGO, Luciano. **O viajante imóvel**. Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. São Paulo: Record, 2001.

WOLFGANG, Iser. **Uma teoria do efeito estético**. v. 1 e 2. São Paulo: Ed. 34, 1996.